O barulho da multidão que tomava a Avenida Paulista em São Paulo no último dia 24 de outubro de 2026 era ensurdecedor. Era o último ato eleitoral da carreira de Luiz Inácio Lula da Silva, um dos personagens políticos mais icônicos da atualidade.

Havia todo um cuidado no ar, compartilhado por mais de 2 milhões de pessoas presentes. Segundo reportagem publicada na Revista Piauí de 25/10/2026, tal cuidado era extremamente necessário:

Havia um nervosismo no ar – qualquer coisa que saísse errada na avenida Paulista poderia não só destruir as chances de uma vitória como macular um evento simbólico na biografia de Lula. Na noite anterior, o PT começara a instalar tapumes nos acessos às estações Trianon-Masp e Consolação, a pedido do próprio Metrô. A campanha foi então avisada de que teria de retirá-los, porque a companhia se encarregaria da proteção das estações, usando gradis. Um dos três caminhões que circulariam no evento foi parado na marginal Pinheiros e vasculhado durante horas pela Polícia Militar. Os petistas acharam que eram sinais estranhos e convocaram uma entrevista coletiva, na qual anunciaram que haviam pedido à Polícia Militar que os agentes destacados para o ato estivessem identificados e mantivessem as câmeras corporais ligadas. Para evitar focos de tumulto, a campanha espalhou 140 pessoas pela avenida, encarregadas de tentar conter eventuais conflitos e pedir ajuda caso fosse necessário. Duas horas antes do evento, dois grupos de advogados, ligados ao grupo Prerrogativas e ao Sindicato dos Advogados de São Paulo, se encontraram em frente à Fiesp e foram distribuídos em pontos estratégicos, como saídas de metrô e cruzamentos, para atuar em caso de abordagens indevidas por policiais. Minutos antes da chegada de Lula à avenida, os advogados Luzia Cantal e Arnóbio Rocha, destacados para atuar como mediadores durante o evento, trocaram telefones com os comandantes da operação da PM. (Revista Piauí – 25/10/2026)[2]

Famílias inteiras e amigos misturavam-se na multidão como se fossem velhos conhecidos, em conversas arrepiantes de tão sinceras. Não era mais um simples ato político pela reeleição de um Presidente da República, mas sim o povo nas ruas em uma manifestação histórica pela democracia. A eleição ocorreria no dia seguinte, e aquele era o último momento possível para manifestações desse tipo. Talvez por essa razão, tenha sido tão grandioso e emocionante.

O ato transcorreu sem qualquer contratempo. Ao longo da Avenida Paulista, o Presidente

Lula percorreu a multidão primeiro em uma picape e, em seguida, a bordo de um caminhão de som que avançava suavemente entre o povo. No ponto alto do percurso, o veículo parou para um coro histórico: mais de 2 milhões de vozes cantando o Hino Nacional Brasileiro. Uma cena indescritível.

Dias antes já havíamos tomada as ruas de todo o Brasil. Aos milhares, ocupamos os parques, as avenidas, as calçadas, as praias, mas, acima de tudo, ocupamos os pensamentos e a alma uns dos outros. Diante da ameaça que rondava a nossa democracia, um único pulsar tomou conta de uma nação inteira: a urgência de definir quem ocuparia a cadeira da Presidência pelos próximos quatro anos.

A cada segundo dos 21 dias que separaram o primeiro turno, em 4 de outubro de 2026, do segundo turno, em 25 de outubro, a emoção esteve à flor da pele. Ali, no olho do furacão histórico, redescobrimos a imensidão da força de um povo quando ele decide caminhar lado a lado por um mesmo propósito.



São Paulo (SP), 24/10/2026 – Presidente Lula encerra campanha das Eleições 2026 com caminhada na avenida Paulista. Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Relatos comoventes, imagens de arrepiar, mobilizações incansáveis nas ruas e uma enxurrada de vozes nas redes sociais formaram uma onda gigantesca. Uma onda que não recuou e que quebrou com força histórica no dia da votação, consagrando Luiz Inácio Lula da

Silva como Presidente do Brasil.

Quando o resultado veio, o choro de alegria transbordou pelo país. Milhares voltaram às ruas, desta vez não para pedir, mas para celebrar. Não era apenas a consagração de um nome nas urnas, mas a vitória de um movimento vivo, forjado no coletivo, a prova definitiva de que é na união que reside a força necessária para vencer.

Mas afinal, que força foi essa, de onde surgiu?

Historicamente, a espécie humana ocupou o lugar de presa, e não de predadora. Diante de nossa própria fragilidade física e das inúmeras ameaças ao longo da evolução, desenvolvemos uma forma de existir que transformou o medo em estratégia de defesa. Desse instinto nasceram conquistas extraordinárias, desde o domínio ancestral do fogo até a criação da Inteligência Artificial nos dias de hoje.

Contudo, entre todas as ferramentas de sobrevivência desenvolvidas pela civilização, nenhuma foi tão eficaz quanto a vida em comunidade. Pertencer a um grupo social reduz nossa vulnerabilidade diante dos perigos da existência e nos oferece um escudo de proteção mútua. Em conjunto, nosso comportamento é impulsionado pelo coletivo na mesma medida em que somos capazes de influenciá-lo. Em bando, tornamo-nos mais audazes.

A explicação para essa coragem está inscrita em nossa própria biologia: as estruturas neurais que formam o chamado cérebro social[3] operam em estreita conexão com o complexo amigdaloide[4], região responsável pelo processamento do medo e do alerta. Quando estamos acompanhados, essas redes sinalizam segurança à amígdala cerebral, reduzindo a resposta de ameaça e despertando em nós o encorajamento necessário para enfrentar o perigo.



Ilustração – posição da amígdala no cérebro

Foi exatamente esse mecanismo ancestral de sobrevivência que despertou no Brasil em outubro de 2026. Diante do medo real de ver nossa democracia ameaçada, o instinto coletivo falou mais alto: saímos do isolamento de nossas angústias individuais para buscar abrigo e força no olhar do outro. Quando milhões de brasileiros ocuparam as praças, as avenidas e as redes sociais durante aqueles 21 dias decisivos, nosso cérebro social entrou em ação em escala nacional, silenciando a paralisia do temor e transformando a apreensão de cada cidadão na coragem inabalável de uma multidão decidida a proteger o próprio futuro.

E agora?

Particularmente confesso que foi muito emocionante ter participado ativamente deste movimento histórico brasileiro. Movimento que parece ter invadido outros países e mostrado ao povo de fato o poder da sua força enquanto coletividade. Sei que meu cérebro social está eufórico e minhas amigdalas cerebrais turbinadas diante de tudo que vivi, mas sei também que não acaba nisso, outras lutas virão e terei que me unir novamente aos meus.

Sem dúvida, a maior lição de outubro de 2026 foi que a conquista nas urnas não encerrou o nosso papel, ela o inaugurou. A democracia é um organismo vivo que exige cuidado diário, e os mesmos perigos que nos ameaçaram podem ressurgir sempre que baixarmos a guarda. Ser cidadão de fato significa recusar o papel de mero espectador da história e assumir a condição de partícipe ativo nos movimentos políticos e sociais que moldam o país.

Precisamos manter o nosso cérebro social desperto, vigilante e mobilizado, porque o futuro do Brasil continuará dependendo da coragem de um povo que nunca mais aceitará caminhar sozinho.

---

[1] Dra. em Educação – Políticas Públicas – pela PUC/SP; Especialista em Neurociência aplicada a Educação pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de SP; Supervisora de Ensino do Estado de SP; Professora Universitária, Pesquisadora, Colunista e Palestrante.

Acesse: www.robertabocchi.com.br Insta: @robertabocchioficial
https://youtube.com/@robertabocchi?si=kfKpmh4sYuqX77Pd

[2] Disponível em: https://piaui.uol.com.br/web/lula-eleito-virada/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification – Acesso em 11/11/2026.

[3] Como cérebro social entendemos uma rede de regiões do cérebro responsável pela cognição social. Relacionado com a capacidade de reconhecer outras pessoas, interpretar emoções, entender intenções e navegar pelas complexidades da vida em grupo.

[4] Como complexo amidaloide entendemos um conjunto de núcleos de substância cinzenta em formato de amêndoa, localizado no interior do lobo temporal cerebral que atua, entre outras funções, como um sistema de alerta para detectar ameaças e regular respostas de luta ou fuga.